

XIV Congresso Internacional de Humanidades
Dimensão temporal e espacial da linguagem e da cultura nos contextos latino-americanos.

Inglês de Sousa na obra Contos Amazônicos:
O homem na luta com o mundo selvagem.

Jéssica Teixeira do Couto,
Letras Licenciatura em Língua Francesa.

Universidade Federal do Pará.

Introdução

Herculano Marcos Inglês de Sousa nasceu em 28 de dezembro de 1853, em Óbidos, no Pará. É filho do desembargador Marcos Antônio Rodrigues de Sousa e de dona Henriqueta Amália de Góis Brito Inglês, uma família bastante tradicional, na época, no Estado.

Inglês de Sousa inicia seus estudos ainda no Pará, mas em 1864 vai para o Maranhão completá-los no colégio Sotero dos Reis. Em 1867 se muda para o Rio de Janeiro para fazer o ensino secundário no Colégio Perseverança. Em 1870, Inglês se muda novamente, mas desta vez para Recife, onde se matricula em uma faculdade de Direito. Pouco depois, faz sua última visita aos pais, na Amazônia. Em 1875, quando estava no quarto ano de faculdade, Inglês escreve seu primeiro conto “O Cacaulista” que seria publicado somente em Santos, lugar que Inglês havia escolhido para terminar a faculdade.

Inglês de Sousa funda jornais e revistas, torna-se secretário da Relação de São Paulo, elabora o projeto de criação da Escola Normal e é eleito, em 1881, presidente (atualmente chamado de governador) de Sergipe e, posteriormente, do Espírito Santo, em 1882. Em 1902, participa da fundação da Academia Brasileira de Letras e no mesmo ano torna-se diretor da faculdade em que lecionava.

Contos Amazônicos é uma obra naturalista de ficção que está dividida em nove contos. É também o último livro escrito por Inglês de Sousa, em 1893. Assim como todos os outros livros escritos por ele, esta obra se preocupa com cada detalhe da Amazônia. Mitos e lendas aparecem com frequência nesta narrativa e são incorporados à ficção, retratando bem a situação do povo daquela região com um espírito popular, supersticioso e cheio de mistério.

Resumo dos nove contos

O voluntário

“É naturalmente melancólica a gente da beira do rio.”

Pedro é um jovem morador de Alenquer, no interior do Pará, que vive junto com sua mãe, a viúva tapuia Rosa. Em 1865, aos 19 anos, Pedro foi recrutado pelo capitão Fabrício para lutar na guerra do Paraguai, como no trecho do livro: “ – Pois então tenha paciência. Se não quer ser voluntário, está recrutado.”

Esta foi a frase que capitão Fabrício usou para anunciar que Pedro fora recrutado, já que não aceitou ir por livre e espontânea vontade. Não era gosto de ninguém ir para a guerra porque todos sabiam qual era o destino mais certo: a morte. E com Pedro não foi diferente. Rosa ainda contratou um advogado para tentar livrar o filho de tal fatalidade, mas foi em vão. Pedro partira no navio antes do previsto. A tapuia Rosa, como sugere o texto, enlouqueceu e ficou vagando pela cidade de Santarém. Pedro não voltou mais.

A feiticeira

O Tenente Antônio de Sousa era um homem totalmente incrédulo. Um certo dia, depois de ouvir falar muito sobre a feiticeira poderosa Maria Mucoim, ele resolve ir até sua casa para ver se, de fato, ela é realmente uma. Maria Mucoim é descrita pelo autor da seguinte forma:

“ [...] uma velhinha magra, alquebrada, com uns olhos pequenos, de olhar sinistro, as maçãs do rosto muito salientes, a boca negra que, quando se abria em um sorriso horroroso, deixava ver um dente – um só! – comprido e escuro. A cara cor-de-cobre, os cabelos amarelados presos ao alto da cabeça por um trepa-moleque de tartaruga, tinham um aspecto medonho que não consigo descrever. A feiticeira trazia ao pescoço um cordão sujo, de onde pendiam numerosos bentinhos, falsos, já se vê, com que procurava enganar o próximo, para ocultar a sua verdadeira natureza.” (pág. 39)

Ao entrar na casa contra a vontade da feiticeira, o tenente é atacado pelo bode (objeto de feitiçaria) e volta para casa correndo sob forte chuva. A casa começa a inundar e o tenente é obrigado a sair de casa, porém, o rio enche e ele tem que começar a nadar para procurar abrigo. Após nadar algum tempo, o tenente encontra uma canoa, mas ao se aproximar, percebe que quem está dentro é Maria Mucoim.

Amor de Maria

Mariquinha sempre foi a mais bonita e conseqüentemente a mais disputada moça de Vila Bela. Também vivia no vilarejo Lucinda, que era conhecida como a moça mais feia. Em 1866, Lourenço, filho do capitão Amâncio de Miranda, foi passar o natal no vilarejo. Acostumado com os namoros fáceis do Pará, achou que podia brincar com o sentimento das moças do local. Logo, Mariquinha se apaixonou pelo rapaz, que, no começo também a correspondeu. Mas Lourenço mostrou desejo por Lucinda, sem deixar de iludir Mariquinha.

Não gostando da situação, Mariquinha foi aconselhada por Margarida a colocar *tajá* na bebida do rapaz e assim, ele cairia a seus pés. Lourenço, em uma visita à casa de Mariquinha, tomou o remédio, passou mal, teve convulsões e morreu. O remédio, na verdade, era um veneno muito poderoso.

Mariquinha sumiu.

Acauã

O capitão Jerônimo Ferreira, totalmente desiludido após a morte de sua esposa, está caçando pela mata em uma sexta-feira, considerada de agouro pelos habitantes do povoado de Faro, considerado uma das mais tristes regiões da Amazônia. Depois de cair pelo susto de um barulho ensurdecido, encontrou uma canoa e nesta canoa uma criança. O capitão já possuía uma filha, Aninha, uma criança bonita e alegre que com o passar do tempo se tornou uma jovem pálida e fraca, depois da chegada de Vitória, a criança encontrada na canoa. Vitória e Aninha eram muito diferentes, como nos trechos:

“Ana fora uma criança robusta e sã, era agora franzina e pálida. Os anelados cabelos castanhos caíam-lhe sobre as alvas e magras espáduas. Os olhos tinham uma languidez doentia. A boca andava sempre contraída, em uma constante vontade de chorar. Raras rugas divisavam-se-lhe nos cantos da boca e na frente baixa, algum tanto cavada. Sem que nunca a tivessem visto verter uma lágrima, Aninha tinha um ar tristonho, que a todos impressionava, e se ia tornando cada dia mais visível.” (pag. 60)

“Vitória era alta e magra, de compleição forte, com músculos de aço. A tez era morena, quase escura, as sobrancelhas negras e arqueadas; o queixo, fino e pontudo; as narinas, dilatadas; os olhos negros, rasgados, de um brilho estranho. Apesar da incontestável formosura, tinha alguma coisa de masculino nas feições e nos modos. A boca, ornada de magníficos dentes, tinha um sorriso de gelo. Fitava com arrogância os homens até obrigá-los a baixar os olhos.” (pág. 60)

Um certo dia, Aninha foi pedida em casamento, aceitou, mas alguns dias depois, recusou. Passou-se um tempo e novamente a moça foi pedida em casamento, só que desta vez, o pai não permitiu que ela recusasse o pedido. Então Aninha foi obrigada a casar. No dia do casamento, quando Aninha e o futuro esposo estavam no altar, eis que surgiu Vitória, na porta da igreja:

“De pé, à porta da sacristia, hirta como uma defunta, com uma cabeleira feita de cobras, com as narinas dilatadas e a tez verde-negra, Vitória, a sua filha adotiva, fixava em Aninha um olhar horrível, olhar de demônio, olhar frio que parecia querer pregá-la imóvel no chão. A boca entreaberta mostrava a língua fina, bipartida como língua de serpente. Um leve fumo azulado saía-lhe da boca e ia subindo até o teto da igreja. Era um espetáculo sem nome!” (pág. 63)

Aninha entrou em desespero e desmaiou. Após sofrer convulsões, uivar, rolar no chão, a moça dobrou os braços e começou a batê-los como se fossem asas e soltou um grito: - Acauã! Aninha tinha se tornado o pássaro mais temido do lugar.

O donativo do capitão Silvestre

Em tempos de guerra pelo mundo, a ameaça de um possível confronto entre Inglaterra e Brasil, gerou um grande patriotismo no povo brasileiro. Em Óbidos, o coronel Gama e o juiz municipal foram encarregados de angariar fundos para colaborar no armamento do Brasil. Havia uma lista em que cada assinatura era responsável por um donativo e havia contribuições de valores diversos. São contadas muitas histórias e o conflito cai na boca dos habitantes do Pará.

O coronel Gama e o juiz municipal conseguiram nove contos de réis. Faltava recorrer ao capitão Silvestre que havia participado da Cabanagem e, sendo assim, era patriota e, agora, um dos homens mais abastados da cidade.

O capitão estava totalmente por fora dos acontecimentos, doou cem bacamartes, o que fez com que os outros ficassem boquiabertos e humilhados.

O gado do valha-me Deus

Domingos Espalha, personagem-narrador, é encarregado de cuidar da fazenda Paraíso, assinalar o gado e remeter uma vaca para uma festa de São João e chama para a tarefa seu companheiro Chico Pitanga. A fazenda, que havia pertencido ao Padre Geraldo, mas que, por testamento, pertencia à Amaro Pais, estava abandonada.

Domingos Espalha e Chico Pitanga começam uma jornada pela fazenda em busca de uma rês. Encontram uma vaca, mas descobrem que ela só tinha espuma branca por dentro. Encontram cerca de cinco mil cabeças de gado, mas nenhuma rês. Então seguem o rastro do gado e acabam chegando à Serra do Valha-me Deus, o lugar onde ninguém tinha subido, então voltaram para a fazenda sem conseguir a rês. Uma missão que não foi cumprida.

O baile do Judeu

O conto se passa no baile que o Judeu resolveu dar em sua casa. Às oito horas da noite, todos já estavam na festa. A música ficou por conta da orquestra da igreja.

Há no conto uma personagem em especial: Dona Mariquinhas, uma mulher recém-casada, que tinha como marido o tenente-coronel Bento de Arruda, um homem

rico, viúvo e sem filhos que também estava no baile. Às onze horas, quando o baile estava no seu auge, entra um homem desconhecido que se tornou a atração da festa, pois estava todo mal arrumado e acabou arrancando boas gargalhadas dos convidados. Todos queriam saber quem era aquele homem puxara Dona Mariquinhas para dançar.

Vendo que o casal dançava empolgado, os músicos resolveram mudar a música e colocaram uma valsa. Nesta valsa, o sujeito desconhecido deixa o chapéu cair e todos descobrem que ele era o boto. Então o boto sai dançando e arrastando Dona Mariquinhas para fora da festa e a leva para o rio. Após este acontecimento, ninguém mais apareceu no baile do Judeu.

A quadrilha de Jacó Patacho

O conto narra a tragédia vivida pela família do português Félix Salvaterra que vivia em um sítio isolado no Pará, entre Santarém e Irituia, às margens do rio Tapajós. Historicamente situada em 1832, a narrativa tem como pano de fundo a Cabanagem, uma revolta que aconteceu no Pará.

Uma noite, dois homens batem a porta do sítio de Félix Salvaterra dizendo que eram viajantes e tinham uma carga para entregar em outra cidade, mas que com a mudança de tempo, resolveram pedir abrigo no sítio. O clima de tensão foi enorme, pois a família já ouvira falar das tragédias que a quadrilha de Jacó Patacho vinha causando nos arredores, mas mesmo assim o português permitiu que os dois homens ficassem na casa. Anica, a filha do português, não consegue dormir já que começa a perceber que um dos homens não lhe é estranho e suspeita já ter visto aquele rosto alguma vez. É aí que o leitor começa a acompanhar toda a aflição que Anica passa até a revelação trágica alcançada pela memória.

Anica, após perceber uma movimentação estranha ao redor da casa, acaba encontrando Saraiva, o homem estranho que dormira na casa, e trava uma batalha, na qual ela sai vencedora e o homem acaba morto com um tiro, dado por seu pai. Mas a família não tem um final feliz. O pai de Anica e os irmãos são mortos pela quadrilha de Jacó Patacho como vingança por terem matado um de seus guerreiros.

O rebelde

O rebelde é o maior conto do livro (possui nove partes) e é considerado por muitos críticos literários, como uma novela. O texto narra a história da vida de Luís (contada por ele mesmo), seu contato com Paulo da Rocha, um velho veterano da Revolução Pernambucana de 1817, habitante agora de Vila Bela, e a experiência da fuga da Cabanagem vivida pelos dois, junto com Padre João da Costa, Júlia, filha de Paulo, e dona Mariquinhas, mãe de Luís, após a morte de Guilherme da Silveira, pai deste último. Os acontecimentos narrados pertencem à década de 1830, mas o tempo da realização do relato data de 40 anos depois, como afirma o narrador no início do conto.

1. A obra

O livro está dividido em nove contos: “O voluntário”, “A feiticeira”, “Amor de Maria”, “Acauã”, “O donativo do capitão Silvestre”, “O gado do valha-me Deus”, “O baile do judeu”, “A quadrilha de Jacó Patacho” e “O rebelde”. Todos possuem características e expressões bem marcantes na Amazônia, bem como palavras da fauna e flora que tem seus significados em um glossário que compõe a maioria dos livros.

Todos os contos do livro acontecem no estado do Pará, em cidades que ficam a beira dos rios Tapajós e Amazonas. Consequentemente, os habitantes desses lugares conheciam a capital, Belém, apenas por histórias, já que a distância, por exemplo, de Santarém à capital, era de mais de dois dias de barco. De fato, Inglês de Sousa, apesar de ser de uma família tradicional do estado, colocou em seu livro traços importantes dos habitantes da Amazônia. Fala-se de feiticeiras, pessoas que viram pássaros, quadrilhas, índios, imigrantes portugueses, tapuios, rebeldes, todos pertencentes ao meio em que o livro todo se passa: a região amazônica.

No conto “A feiticeira”, “Amor de Maria” e “Acauã”, a presença de lendas e mitos da Amazônia é mostrada com clareza. Primeiro uma feiticeira que tem um forte poder de inundar uma cidade. Nos interiores do estado do Pará, e até mesmo nas grandes cidades, não é recomendado enfrentar feiticeiras ou bruxas, pois, dizem que elas possuem um poder muito forte. Depois, uma moça se sente ignorada pelo homem amado e resolve seguir um conselho e coloca veneno, sem saber, na bebida do homem. Ele morre, ela some. E em “Acauã”, um pássaro da Amazônia que dizem ter um canto de agouro, é uma mulher.

A presença de mitos e lendas vai contra as propostas do Naturalismo. No Naturalismo, a base é o cientificismo. Então como pode um autor naturalista falar tanto sobre o sobrenatural? Na verdade, não podemos esquecer que Inglês de Sousa tinha obsessão em falar sobre seu lugar de origem e para falar de tal lugar, é preciso falar das lendas e mitos, mesmo que o autor não acreditasse nelas. O objetivo de Inglês era falar do comportamento humano da região e compreendê-lo.

1.1. Contexto Histórico

A história do Brasil é algo marcante na obra de Inglês de Sousa. A Cabanagem, a Guerra do Paraguai, a Questão Christie entre outros, situam o leitor a uma determinada época, a um determinado estilo de vida, a um determinado pensamento.

O fato histórico mais citado nos contos é a Cabanagem (1835-1840), uma revolta de índios, escravos, tapuios, comerciantes e etc., que lutavam por seus interesses. A revolta não deu certo e o resultado foi a morte de centenas de cabanos. Este acontecimento é pano de fundo dos contos “A quadrilha de Jacó Patacho” e “O rebelde”, apesar de ser citado, também, em outros contos. Os contos mostram o quanto o estado ficou tenso com a revolta. As pessoas sentiam medo da violência e de tudo o

que ouviam sobre a Cabanagem. O homem ribeirinho, que lutava por melhorias nas comunidades, o escravo que lutava contra a miséria, são personagens de uma Amazônia quase destruída por uma revolta que durou cerca de cinco anos.

A Guerra do Paraguai (1864-1870), foi o maior conflito armado na América do Sul entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta por Brasil, Uruguai e Argentina. O primeiro conto, O voluntário, se passa na época em que acontecia tal guerra e mostra o poder de quem tem mais sobre quem tem menos. O personagem principal, Pedro, é convocado e obrigado a lutar na guerra. A Guerra do Paraguai teve forte repercussão no Brasil, recrutando centenas de jovens para lutar e, talvez, nunca mais voltar, como foi o caso (na ficção) de Pedro.

Toda a história é, nos contos de Inglês de Sousa, um resgate de uma memória nacional através da ficção.

1.2. Contexto Espacial

O espaço da obra é totalmente localizado na região amazônica. Porém o livro todo se concentra apenas no estado do Pará. Na verdade, a Amazônia da qual o autor fala, não é apenas o estado do Amazonas, e sim, um espaço cultural que carrega mitos e lendas próprios.

Santarém, Alenquer e Óbidos, esta última a cidade natal do autor, são as cidades em que os contos acontecem. De fato, é preciso lembrar que naquela época, em pleno século XIX, estas cidades eram totalmente rurais, com poucas construções. As narrativas do livro geralmente se passam em lugares rurais (sítios, fazendas).

2. O homem ribeirinho e o mundo atual.

Apesar de ter sido escrito no século XIX, *Contos Amazônicos* mostra que a realidade do homem que vive nessas regiões da Amazônia não mudou muito. Ainda hoje, o homem ribeirinho tem uma luta diária pela sobrevivência. Muitos vivem da pesca e da caça. Hospitais e escolas são coisas raras nessas regiões.

Ao que tudo indica, o governo não possui muitos planos para essas pessoas. Existem projetos de professores que vão até essas áreas algumas vezes por semana, médicos que aparecem em visitas mensais, e etc. Um homem totalmente atrasado tecnologicamente, que possui energia apenas por usar um gerador a base de óleo diesel. O ribeirinho, assim como o índio, em sua aldeia, prefere cozinhar em um fogão a lenha e ainda utiliza o escambo como forma de conseguir alguns materiais.

Não podemos defender esse modo de vida sem antes parar para pensar que estão agredindo o meio ambiente. Mas como falar para um sujeito que passou a vida toda vivendo da pesca, da caça, da madeira das árvores, que estão cometendo um crime ao meio ambiente? Como promover um desenvolvimento sustentável com essa população? São questões políticas difíceis de serem respondidas, mas que possivelmente, algum dia, serão encontradas soluções.

3. Conclusão

Inglês de Sousa, escritor naturalista, escreveu o livro *Contos Amazônicos* e contou sobre a vida das pessoas que habitam a região Amazônica, mais precisamente no estado do Pará. No livro, o autor escreve nove narrativas com diversos personagens, contextos históricos, lendas, mitos e crenças.

O homem ribeirinho, ou seja, aquele que vive à margem dos rios em casas de palafita, se torna o homem vítima de uma sociedade rural que aos poucos vai sendo influenciada pelas outras cidades através do próprio ser humano. A vida melancólica desses habitantes se torna um dos pontos fortes do livro.

Apesar de contrariar um pouco a estética naturalista, Inglês retrata o homem amazônico e seu comportamento de uma forma clara e concisa, transformando-o em um dos personagens principais do livro, que possui histórias diferentes.

4. Referências Bibliográficas

SOUSA, Inglês de. *Contos Amazônicos*. Ed. Martin Claret